

ORALIDADE E ESCRITA: PRÁTICAS DE ENSINO NO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)

André Pedro da Silva (UFRPE)

pedroufpb@gmail.com

Elizabeth Christina Cavalcante da Costa (UFRPE)

elizabethcosta@hotmail.com

Suellen Pamela Ramos Gomes (UFRPE)

suellenufpe@gmail.com

Wedja Maria Jesus de Lima (UFRPE)

wedjesus@bol.com.br

Introdução

Este trabalho tem como principal objetivo relatar as experiências de graduandas em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A pesquisa ocorreu na Escola Estadual Lions do Parnamirim e na Escola Estadual Joaquim Xavier de Brito, ambas localizadas na Região Metropolitana do Recife. As experiências aqui descritas ocorreram no período de Janeiro até Dezembro de 2013.

É importante ressaltar que o PIBID busca promover e incentivar a inserção dos estudantes de licenciatura no contexto da escola pública para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas e envolvam os professores da escola, contribuindo para a valorização do magistério e da graduação. Assim, o programa oferece um apoio teórico e prático para os licenciandos.

Durante o tempo de pesquisa acima citado, algumas atividades foram realizadas nas escolas, dentre as quais, destacam-se a leitura e produção de textos de diversos gêneros (MARCUSCHI, 2008), reflexões acerca das abordagens dos gêneros orais e escritos (ANTUNES, 2003) e a relação entre a fala e a escrita (MARCUSCHI, 2004). O trabalho contou também com a resolução de exercícios e demais atividades solicitadas pelo professor responsável pela sala. Considerando esse aspecto, analisam-se as contribuições que as atividades aplicadas pelas estudantes de graduação trouxeram para a rotina escolar dos alunos e como se deu a aplicação dessas atividades, tentando perceber as dificuldades encontradas no âmbito escolar (relação professor-aluno-gestão).

Busca-se observar a fala e a escrita como modalidades não dicotômicas e sim integradas, podendo as duas ser formais, cultas, interacionais, entre outros. Dessa forma, deve-se entender que, através dos gêneros textuais, as pessoas se comunicam. Existem gêneros mais usados nos âmbitos formais como a conferência e a palestra, que apesar de sua formalidade, são realizados na modalidade oral. Logo, procura-se refletir sobre o que ainda é preciso e possível fazer para aprimorar a prática da docência, visando ao ensino e à integração acadêmica, social e cultural dos alunos, professores e licenciandos dentro do processo de ensino.

O *corpus* empírico deste trabalho é constituído por exercícios e atividades aplicadas em sala de aula, na tentativa de que haja uma reflexão sobre o uso da língua em seus diversos gêneros discursivos nas modalidades falada e escrita, além de visar à formação e transformação social e cidadã dos alunos.

Os principais aportes teóricos utilizados foram Antunes (2003), Dionísio (2010), Lukesi (2011) e Marcuschi (2004) para mostrar como se pode abordar a

educação de uma maneira transformadora, percebendo os gêneros em uma perspectiva linguística, pedagógica e social.

Os exercícios foram analisados sob a ótica das reflexões discursivas dentro da perspectiva não dicotômica da fala e da escrita, isto é, a análise linguística não considerará a fala e a escrita como categorias distintas e separadas, mas ambas complementares e relevantes dentro do discurso (MARCUSCHI, 2004). Desse modo, destacaremos neste trabalho quatro tópicos, intitulados como: Gêneros textuais; Modalidades da língua; Implicações pedagógicas e Contribuições para o ensino.

1. Gêneros textuais

O conceito de gênero textual adotado por Marcuschi (2008) visa explicar os gêneros de maneira não estanque e sem ter uma estrutura rígida, sendo formas faladas ou escritas que estão inseridas nas práticas comunicativas dos seres humanos. Assim, os gêneros são:

“(...) textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.”
(p. 155)

Dessa forma, compreende-se os gêneros como formas culturais e cognitivas que estão sempre em mudança e, por isso, não possuem uma estrutura rígida, porém, é necessário ressaltar que os gêneros possuem uma identidade própria pré-estabelecida. Portanto, ao se trabalhar com um gênero, deve-se fazer escolhas, mas estas não podem ser totalmente livres e nem aleatórias. Logo, faz-se necessário distinguir os gêneros das tipologias textuais, pois, por vezes, este é confundido com aquele, sendo isso muito comum entre os alunos em processo de apropriação linguística. Designa-se tipos como modos textuais, os quais abarcam as categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, entre outros.

Durante as atividades, tentou-se fazer processos de retextualização, como o de trabalho com o gênero debate, seguido de produção textual com o gênero resumo e redação, mostrando aos alunos que “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem” (MARCUSCHI, 2004, p. 47). Dessa forma, os alunos precisavam produzir textos respeitando as normas gramaticais e de maneira coerente e coesa, a partir das informações e discussões vividas em sala de aula, acerca do tema escolhido para a realização do debate.

Considerando o conceito de gênero destacado acima, procurou-se observar os gêneros escritos e falados dentro de usos formais, objetivando fixar a estrutura pré-estabelecida e os diferentes usos dessa estrutura, destacando também os tipos textuais. Realizou-se atividades de produção e de retextualização, com enfoque nos seguintes gêneros: crônica, conto, quadrinho, redação, resenha, resumo, bilhete, debate, seminário, grupo de discussão, entre outros.



Figura 1 Leitura e produção de textos na biblioteca da Escola Estadual Joaquim Xavier de Brito .

2. Modalidades da língua

De acordo com os estudos de Marcuschi (2004), a fala e a escrita devem ser vistas de maneira não polarizada e dicotômica, mas sim, devem ser trabalhadas como um *continuum*. A visão e modelo de análise imanentista da língua corrobora na sustentação dessa visão dicotômica polarizada, já que a língua nesse modelo é vista como um sistema de regras, resultando na reprodução do ensino de normas gramaticais.

“Esta perspectiva [dicotômica], na sua forma mais rigorosa e restritiva, tal como vista pelos gramáticos, deu origem ao prescritivismo de uma única norma lingüística tida como padrão e que está representada na denominada norma culta.” (p. 27)

Sendo assim, com a aplicação de atividades nas turmas de Ensino Médio, observou-se que esse modelo de dicotomias estritas ainda persiste na prática docente de Língua Portuguesa, na qual os alunos citam a escrita como uma língua diferente da que eles falam.

O trabalho com a oralidade, muitas vezes, não é bem visto dentro dessa visão imanentista, pois, segundo Antunes (2003), constatou-se, dentre muitos fatores, uma quase omissão no estudo da fala que pode ser entendida como “supérfluo”, já que está presente no cotidiano dos alunos, de maneira desregrada e despreocupada, diferentemente da escrita. Com isso, observa-se um déficit de oportunidades para expor os padrões gerais de conversação e utilizar-se os gêneros orais como objeto de ensino.

Em relação ao trabalho com a escrita, Antunes (2003) apresenta o processo de aquisição da escrita como uma prática mecânica e voltada para as habilidades motoras de reproduzir sinais gráficos sem reflexão cognitiva e linguística, pois se tem a ideia de que saber escrever é não cometer erros ortográficos. Considerando isso, deve-se

ressaltar no processo de retextualização a prática da reescrita, já que geralmente é notável “uma escrita improvisada, sem planejamento e sem revisão, na qual o que conta é, prioritariamente, a tarefa de realizá-la, não importa ‘o que se diga’ e o ‘como se faz’.” (p.27).

Então, aqui não se defende a fala e a escrita como dois pólos opostos, pois as diferenças de ambas estão dentro de um *continuum* tipológico cultural e interacional, inseridos em práticas discursivas e sociais. Assim, tentou-se fazer com que os alunos percebessem que há gêneros escritos formais, e também, informais, do mesmo modo que há gêneros falados informais e formais. Desta maneira, escolheu-se gêneros que exemplificassem essas questões como o “debate”, gênero oral e formal; além do bilhete, gênero escrito e informal.

3. Implicações pedagógicas

Realizou-se a atividade de construção de situações no primeiro ano do Ensino Médio da escola Lions do Parnamirim, na qual os alunos encenaram situações reais de uso da língua propostas em sala de aula. Dessa forma, os estudantes precisaram assumir papéis sociais como o de diretor da escola, do merendeiro, da coordenadora, entre outros, com o objetivo de fazer com que os alunos percebessem que eles adequam a língua às diversas realidades e interações presentes no dia-a-dia, utilizando-a de maneira formal ou informal, dependendo do contexto, além de observar a importância dos papéis sociais e culturais também refletidos na língua.

O trabalho com a oralidade proposto por Antunes (2003) foi realizado nessa atividade com o intuito de mostrar que se aprende também através da fala e ela não pode ser omissa e nem vista de maneira equivocada pelos alunos, para que eles percebam que a fala também poderá ser formal, coerente e ser usada de forma estratégica e intencional.

Vivenciou-se, no primeiro ano do Ensino Médio da escola EREM Joaquim Xavier de Brito, através do PIBID, o processo de transformação de um gênero em outro (conto para quadrinho), no qual se tentou primeiro construir a diferenciação entre os dois gêneros escolhidos e, em seguida, apresentar textos dos gêneros mencionados para produção. Utilizou-se o conto “A noite em que os hotéis estavam cheios” de Rubem Alves, para que os alunos o transformasse em quatro quadros. Assim, foi possível construir interativa e cognitivamente a estruturação dos gêneros, o processo de retextualização e diferenciação entre os gêneros.

Outra atividade realizada no terceiro ano da escola EREM Joaquim Xavier de Brito foi de debate, seguido de produção textual, em que se debateu o tema da “violência na escola” e, após a discussão em sala de aula, produziu-se uma redação dissertativo-argumentativa. Constatou-se a necessidade da retextualização, através da reescrita para sanar algumas dificuldades encontradas na produção dos alunos; além da necessidade de uma postura mais formal e de respeito às opiniões e ideias defendidas pelo outro.

Nesse trabalho, buscou-se apresentar aos alunos que eles podem e devem ser “sujeito-autor”, isto é, responsáveis pelo processo de reflexão e de construção de ideias, acerca das temáticas sociais, dos processos linguísticos formais e argumentativos, como meios de obter uma visão crítica e individual das problemáticas humanas, dialogando com diversas visões.

Além de mostrar as estruturas dos gêneros escritos, o trabalho intitulado, pela turma do primeiro ano do Ensino Médio da EREM Joaquim Xavier de Brito, “Poesia Ambiental”, tentou destacar a consciência cidadã e a relação da poesia com o

engajamento social. O trabalho consistiu primeiramente em mostrar e discutir a obra de João Cabral de Melo Neto sobre o Capibaribe, intitulada “Cão sem plumas” e apresentar o documentário intitulado “Recife de dentro para fora” que mostra a poluição e o descuido com o rio Capibaribe, localizado na cidade do Recife. Após isso, os alunos realizaram a produção de poesias, motivadas pelo vídeo e pela obra de João Cabral de Melo Neto.

Através dessa criação de situações de fala, transformações de gêneros (do conto ao quadrinho) e utilização de alguns materiais com os alunos, houve a experiência de mostrar aos estudantes a importância de entender a mobilidade da língua, dependendo do contexto, seja na fala ou na escrita. Na prática escolar, houve alguns problemas relacionados à estrutura da escola pública e seus escassos recursos, bem como à resistência dos alunos à reflexão e produção das atividades e à falta de interesse de alguns professores responsáveis pela turma. Tudo isso, impediu o andamento e o desenvolvimento do trabalho.

Mesmo com todas as dificuldades relatadas, o professor pode utilizar-se deste trabalho para um ensino transformador, abordando os três tipos de conteúdos apontados por Lukesi (2011): o conceito, o procedimento e a atitude. Assim, o aluno seria auxiliado dentro de uma perspectiva de transformação da educação que visa à importância do ensino, além do simples conceito, mas do ponto de vista ético e social, integrando as disciplinas.



Figura 2: Produção da atividade do conto ao quadrinho (conto resumido em quatro quadros), realizado na Escola Estadual Joaquim Xavier de Brito.



Figura 3 Leituras realizadas na biblioteca da Escola Estadual Lions do Parnamirim.

4. Eixos da língua e suas contribuições para o ensino

Sabe-se que é responsabilidade da escola tornar o aluno crítico, sujeito do seu discurso, sendo um ser que interage e reflete sobre ele. Assim,

“A educação escolar é um processo social, com nítida e incontestável função política, com desdobramentos sérios e decisivos para o desenvolvimento global das pessoas e da sociedade (...) um ato de cidadania, de civilidade da maior pertinência, que aceitamos, ativamente e com determinação o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino da língua” (ANTUNES, 2003, p. 37).

Desta forma, não há como aceitar uma escola que apenas ensina a decodificar e reproduzir códigos, sem formar leitores com capacidade de refletir sobre as questões sociais, tendo domínio da palavra e sendo capazes de expressar-se nas diferentes modalidades da língua, nos seus diferentes níveis de linguagem e através dos diversos gêneros existentes.

Neste trabalho, foca-se quatro eixos de ensino da língua portuguesa, o qual o professor pode abordar e trabalhar com os alunos. O primeiro eixo aqui destacado é o da oralidade, através de atividades como a de criação de situações com os alunos, para que eles percebam que a partir da mudança do contexto, automaticamente deve se adequar a língua. Assim, apresenta-se a importância de domínio da língua de prestígio, no sentido de haver a capacidade de transição entre o formal e o informal, entendendo o uso das diversas variantes existentes de língua.

A oralidade é um eixo central e importante para se trabalhar com os alunos, apesar da escola tradicional (LUKESI, 2011) ainda persistir na ideia de que a oralidade é inculta, informal, despreocupada com as normas, quando se relacionada com a escrita. Contudo, esta não é a visão defendida neste artigo e nem a dos teóricos aqui já destacados.

Desta forma, Lukesi (2011) apresenta uma visão transformadora da escola, a qual precisa reunir, além do conteúdo, o procedimento e a atitude.

“Essa tendência não coloca a educação a serviço da conservação. Pretende demonstrar que é possível compreender a educação dentro da sociedade com os seus determinantes e os seus condicionamentos, mas com a possibilidade de trabalhar pela sua democratização”. (p.65).

As atividades aqui descritas buscaram também envolver o aluno do ponto de vista do procedimento e da atitude, contribuindo para uma formação humana, cidadã e, muito além do simples conteúdo, auxiliando na sustentação de outro eixo, chamado de histórico-cultural, que visa envolver os alunos nas questões sociais, filosóficas e humanas. Como exemplo, pode-se destacar a atividade sobre a obra de João Cabral de Melo Neto “O cão sem plumas”, na qual foi discutida com os alunos a importância da preservação do Rio Capibaribe e do meio ambiente. Outra atividade foi a de produção textual sobre “violência na escola”, em que os alunos refletiram sobre temas como o *bullying*, tráfico de drogas, entre outros.

Além desses eixos, tem-se também aqui muito bem representado o eixo da escrita, através de produções de resenhas, redações, resumo, poema entre outros. Essas atividades com enfoque na escrita visou auxiliar esse processo cognitivo em diferentes gêneros e estruturas textuais para que os alunos estimulem sua capacidade linguística de escrever e refletir, a partir de exigências textuais diferentes.

Entende-se que os alunos passem a entender o porquê da importância do domínio da norma padrão, além de se tornarem conscientes do caráter multifacetado dos fenômenos linguísticos, ajudando-os a se posicionarem como autores do discurso, proporcionando um aprendizado mais espontâneo e efetivo. Desta forma, os estudantes podem aprender a língua padrão, levando em consideração às outras variantes e seus usos, tornando mais interessante a aprendizagem da norma culta, uma vez que dificilmente é discutida a forma cotidiana de fala e uso da língua pelos alunos na escola.

Logo, tentou-se construir, através dos gêneros, a ideia de que, dependendo do contexto, utiliza-se uma variante diferente da língua e, em alguns casos, a variante exigida é a da norma culta. Com isso, os alunos percebiam a mobilidade linguística que, em diferentes realidades, é adequada aos diversos contextos.

Considerações Finais

É válido lembrar que deve existir uma relação horizontal, ou seja, uma relação igual entre professor e aluno, educador e educando para construir o conhecimento, em que os sujeitos (alunos e professores) interagem e agem na busca e troca do/pelo saber. Desse modo, todos os sujeitos, envolvidos nesse processo escolar, são importantes para formação e construção do conhecimento.

A proposta da realização dessas atividades, além de contribuir na própria formação e experiência do graduando, promove a formação continuada dos professores da rede pública estadual, reatualizando e dinamizando as suas práticas docentes e auxiliando na busca e no incentivo pelo conhecimento do aluno. As atividades aqui destacadas possuem o objetivo de divulgar outras práticas docentes, que podem

contribuir para uma aula mais lúdica e que envolva as novas tecnologias presentes na vida diária dos estudantes, mostrando também que é possível a investigação na tentativa de sanar as dificuldades e os equívocos, muitas vezes, reproduzidos pelos professores e absorvidos pelos alunos.

Apesar das dificuldades encontradas nas escolas, percebe-se que é possível realizar atividades interdisciplinares e contextualizadas que auxiliem os alunos no desenvolvimento cognitivo e na formação cidadã, além de evidenciar a importância de programas como o PIBID para formação acadêmica dos estudantes de graduação. Vê-se também que o programa motiva os professores das escolas públicas, os quais se atualizam, envolvendo-se com questões acadêmicas e publicações na área da educação e da disciplina específica, neste caso, com a Língua Portuguesa.

Logo, este trabalho espera ter contribuído na quebra de paradigmas desatualizados e fora da realidade existente nas escolas públicas. A aula de português, assim como a aula de geografia, história, matemática, entre outras, devem ser vistas de maneira humanizada, além do simples conteúdo e conceito, para que haja de fato uma formação social.

Referências

- ANTUNES, I. *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- CALVET, L.J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- DIONISIO, A. P. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.
- EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária*. 2ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FÁVERO, L.L. *Oralidade e Escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- FRANÇA, K.C.F. *Português Falado e Escrito: o Enem em questão*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- KATO, M. A. *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 7ª ed. - São Paulo: Ática, 2010.
- LUKESI, C. C. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- RAMOS, J. *O Espaço da Oralidade na Sala de Aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ROJO, R. *Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos*. In: ROJO, Roxane (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2000.
- VAL, M. G. C. (Org.). *Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto*. 1ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2008.